

Modernistas debateram amplamente a estética antropofágica de Oswald

Escrito com exclusividade para o Itaú Cultural, com o título Oswald: homem-tempestade, o texto do professor de literatura brasileira Marcos Antonio de Moraes (), resgata momentos importantes na construção estética e ideológica da Revista de Antropofagia*

Em 19 de maio de 1928, Oswald de Andrade, a bordo do navio Alcântara, a caminho de Paris com Tarsila do Amaral, então sua mulher, escreve a Mário de Andrade aplaudindo o poema que o amigo publicara no primeiro número da *Revista de Antropofagia*: “Você nem sabe como escreveu uma coisa linda. Linda e profunda”.¹ Nos versos de “Manhã”, o dia ensolarado e silencioso, apaziguador do espírito, contrapõe-se a “Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses”, “tempestades de homens”, envolvidos em turbulentos processos históricos.

A revista, no mesmo número, estampava a reflexão estética mais radical no âmbito do Modernismo brasileiro, o “Manifesto antropófago”, de Oswald de Andrade. Semeadura de proposições críticas impactantes e originais: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”; “*Tupy or not tupy, that is the question*”; “A alegria é a prova dos nove”. Essa plataforma estética fora debatida pelo grupo da vanguarda paulista em reunião na Rua Lopes Chaves, 546, na Barra Funda (SP) – cujo morador, Mário de Andrade, contudo, se mostrara desconfiado e impermeável aos ditames antropofágicos. Naquele mesmo 19 de maio, ele confia ao crítico literário carioca Alceu Amoroso Lima, a quem enviava exemplar do periódico: “Quanto ao manifesto do Osvaldo... acho... nem posso falar que acho horrível porque não entendo bem. [...] Os pedaços que entendo em geral não concordo”. Aborreciam-lhe os resultados dos manifestos de Oswald que acabavam por rotular a literatura que ele, Mário, produzia, vinculada pelo nacionalismo crítico e que tinha sido incorporada à corrente Pau-Brasil, de 1924, sem o seu consentimento. Sobre *Macunaíma*, redigido na primeira versão em 1926 e 1927 e agora em vias de publicação, ele acreditava: “Vai parecer inteiramente antropófago...”. Deplorava “um bocado essas coincidências todas [...]. Principalmente porque *Macunaíma* já é uma tentativa tão audaciosa e tão única [...], os problemas dele são tão complexos apesar de ele ser um puro divertimento [...] que complicá-lo inda com a tal de antropofagia me prejudica bem o livro. Paciência”.²

O manifesto de Oswald de Andrade fundamenta estética e ideologicamente a *Revista de Antropofagia*, que circulou entre maio de 1928 e agosto de 1929, em duas fases chamadas, bem a propósito, de “dentições” (a segunda, a partir de março, como página do *Diário de S. Paulo*, com renovado corpo editorial e posicionamentos ainda mais irreverentes). Considerada por Augusto de Campos “sem dúvida a mais revolucionária

¹ ANDRADE, Gênese (organização, introdução e notas). Correspondência Mário de Andrade & Oswald de Andrade. São Paulo: Edusp/IEB, 2023. p. 179.

² RODRIGUES, Leandro Garcia (organização, introdução e notas). Correspondência Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Edusp/IEB, 2018. p. 115-116.

do nosso Modernismo”,³ bateu-se pela criação de um pensamento filosófico original e pela superação da enraizada dependência cultural brasileira. A colaboração de Oswald no periódico, assinada ou sob pseudônimo e não muito numerosa, mostrou-se, todavia, contundente e orientadora de combativas posições críticas. Além do manifesto, notável peça literária de ânimo experimental, vigoroso “esforço de descolonização”,⁴ o escritor ampliou, em outros textos na revista, o debate em torno da antropofagia, trazendo à tona, concentradamente, questões antropológicas, religiosas, psicanalíticas, jurídicas, econômicas e atinentes à psicologia social. Textos densos (por vezes, obscuros), que não faziam concessões aos leitores. Em sintonia com o corrosivo ideário antropofágico oswaldiano, em 11 de julho de 1929, Tamandaré (Oswaldo Costa) sintetizava: “Reagimos contra a cultura de importação, contra o intelectualismo besta do Ocidente, contra todos os cacoetes mentais da Europa podre de civilização”. O movimento angariou aderentes em diversas regiões do país, conquistas logo alardeadas na imprensa. O grupo, tendo idealizado o Clube dos Antropófagos de São Paulo, desejou se reunir em setembro de 1929, no Rio de Janeiro, para o *Primeiro congresso brasileiro de antropofagia*, plano, entretanto, gorado. Mário, estudioso e bem-informado, agastou-se, em alguns momentos, com o “pessoal antropofágico”, que, segundo ele – em carta a Augusto Meyer em abril de 1929 –, “lê metade dos livros e não sabe nada”.⁵

Mário de Andrade teve marcante presença na primeira fase da *Revista de Antropofagia*. Para ela, encaminhou trecho de abertura de *Macunaíma*, duas matérias de cunho etnográfico, crônica de sua viagem ao Nordeste e o poema “Lundu do escritor difícil”, além de “Manhã”. Seus livros foram anunciados; duas de suas obras mereceram entusiásticas resenhas de Antônio de Alcântara Machado. Na percepção de Oswald de Andrade, entre os melhores produtos literários da colheita antropofágica, ganhava projeção a rapsódia do “herói da nossa gente”. Afirmou, em setembro de 1928, em “Esquema ao Tristão de Athayde”: “Mário escreveu a nossa *Odisseia* e criou duma tacapada o herói cíclico e por cinquenta anos o idioma poético nacional”. Dois meses depois, não livrou o companheiro de um registro jocoso em tipografia graúda, subscrito por João Miramar, no qual o julgava “o pior crítico do mundo, mas o melhor poeta dos Estados Unidos do Brasil”. O “espírito piadístico e instigador”, em “manifestações rápidas e incisivas”, caracterizou a produção jornalística de Oswald de Andrade, de acordo com Vera Maria Chalmers.⁶

Na segunda fase da *Revista de Antropofagia*, quando tinham dela se afastado, em razão de divergências, o diretor Alcântara Machado e alguns participantes e apoiadores, a renovada editoria abriu fogo contra Mário de Andrade e os modernistas por considerá-los ineficazes na “descida antropofágica”. Exigiu engajamento na tarefa de radicalização do ideário modernista, instrumentalizado pelo “Manifesto antropófago”. Para Maria Eugenia Boaventura, o “grupo admira e ao mesmo tempo precisa destruir a imagem do

³ CAMPOS, Augusto de. *Revistas re-vistas: os antropófagos*. Revista de Antropofagia (edição fac-similar). São Paulo: Metal Leve/Editora Abril, 1975.

⁴ MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p. 97.

⁵ FERNANDES, Lygia (organização e notas). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968. p. 71.

⁶ CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 18.

intelectual de Mário de Andrade”, o seu “alvo principal”.⁷ A artilharia pesada desqualificou, reiteradamente, o pensamento e a obra do polígrafo. Reivindicava-se dele apenas *Macunaíma*. A violenta campanha o deixou “catastroficamente abatido”, como ele confessaria a Manuel Bandeira em junho de 1929.⁸ Os ataques gestaram a irremediável ruptura entre os dois Andrades. Prosseguiram eles, por fim, desemparelhados, em caminhos diversos, ambos argutos e originais intérpretes do Brasil, a quem retornamos sempre, pois nos legaram instigantes concepções de crítica cultural e política em relação à complexa realidade nacional (não apenas!).

Oswald imantou, com seu ideário e temperamento libérrimos, a *Revista de Antropofagia*. Também ele, como aquelas irrequietas personalidades evocadas por Mário no poema “Manhã”, era uma tempestade de homem.

(*) Marcos Antonio de Moraes é professor de literatura brasileira no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

A íntegra deste texto é de uso exclusivo para publicação da Ocupação Oswald de Andrade

⁷ BOAVENTURA, Maria Eugenia. A vanguarda antropofágica. São Paulo: Ática, 1985. p. 34.

⁸ MORAES, Marcos Antonio de. Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp/IEB, 2000. p. 421.